

PERSPECTIVA AUTOGESTIONÁRIA

“Negar o capitalismo e afirmar a vida”

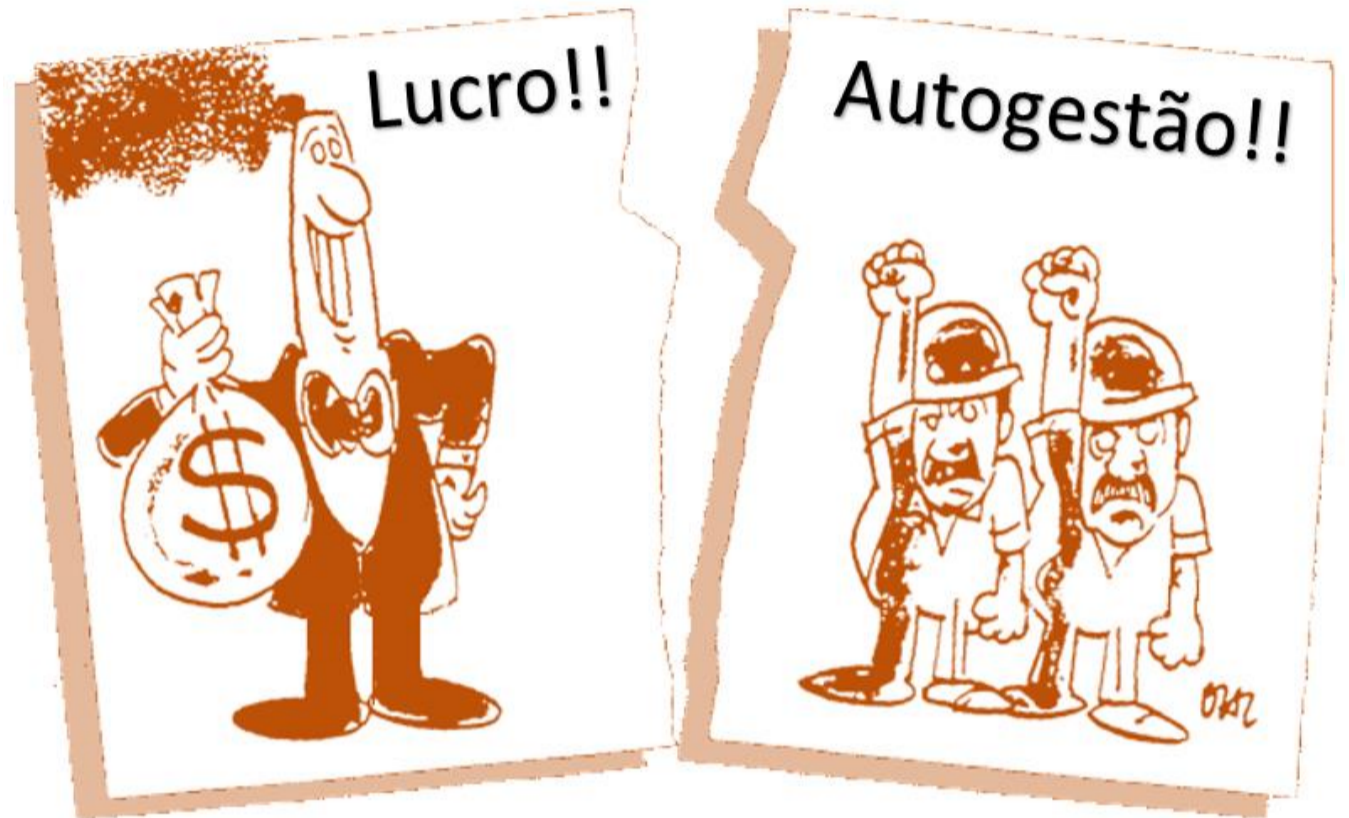
Publicação do Movimento Autogestionário – MOVAUT, Número 02, agosto de 2015.

✉ jornalmovaut@yahoo.com.br

Pela União dos Trabalhadores!

A classe trabalhadora é a que sustenta a sociedade, gerando a produção de riquezas e permitindo a geração de renda e recursos para toda a sociedade. No entanto, devido à exploração e dominação de classe à que está submetida, fica apenas com migalhas do que produz. As classes privilegiadas são uma minoria, mas mesmo assim dominam a sociedade como um todo e têm seus privilégios retirados do suor dos trabalhadores. Desde o surgimento do capitalismo, os trabalhadores resistem, lutam. Às vezes, as lutas são individuais, espontâneas, desarticuladas, mas abrem caminho para lutas mais amplas, mais refletidas, organizadas. A greve é um dos pontos máximos da luta dos trabalhadores, pois é sua grande forma de pressão, já que interfere nos lucros dos capitalistas (patrões). Ela é um momento de ampliação da consciência do antagonismo dos interesses das classes, do papel do Estado a favor dos dominantes, e também de sua auto-organização, inicialmente com os comitês de greve, depois formas mais desenvolvidas, como conselhos de fábrica, conselhos operários, criando sua associação, sua união.

A máxima lançada no século 19 é ainda o fundamental para que haja a transformação radical das relações sociais e uma sociedade autogerida, fundada na liberdade, igualdade, solidariedade, seja instaurada: “trabalhadores de todo o mundo, uni-vos”. É através da união dos trabalhadores que novas relações sociais e novas formas de organização emergem para garantir seus interesses imediatos e



específicos (aumentos salariais, melhores condições de trabalho, maior investimento em políticas de assistência social, etc.) e interesses gerais e a longo prazo: abolição do capitalismo e, portanto, do trabalho assalariado, Estado, capital, etc. e instauração da sociedade autogerida. A associação e luta direta dos trabalhadores, rompendo com as organizações burocráticas (partidos, sindicatos, etc.) e criando suas formas de auto-organização em local de trabalho, moradia, etc., permite essa libertação dos trabalhadores que gera a libertação humana em geral.

O MOVAUT é um coletivo cujo objetivo é apoiar tal luta e, assim como outros grupos e indivíduos, contribuir com a emancipação dos trabalhadores e da

humanidade em geral. O Jornal Perspectiva Autogestionária é um dos instrumentos dessa ação do Movaut para concretizar seu objetivo, e por isso deixa claro que a luta para aumentar o salário mínimo e os salários em geral, a crítica do Estado e do uso que este faz dos impostos para beneficiar os dominantes, é uma parte de uma luta mais geral e que são aspectos inseparáveis que somente a associação dos trabalhadores poderá promover e possibilitar, indo além disso, a concretização do projeto autogestionário, a emancipação humana. Os textos do presente número discutem algumas das questões necessárias para ampliar e unificar as diversas lutas dos trabalhadores.

O QUE É O MOVAUT? UM COLETIVO QUE LUTA PELA AUTOGESTÃO!

“A autogestão social é um conjunto de relações sociais, cuja fonte e origem são novas relações de produção, ou seja, relações instauradas entre os seres humanos no processo de produção das riquezas, sob a forma da igualdade, decisão coletiva, etc., abolindo o salariedade, o mercado, o dinheiro, o Estado, a divisão social do trabalho entre dirigentes e dirigidos. Estas novas relações de produção se generalizam por toda a sociedade e relações semelhantes passam a existir em todas as atividades humanas. Desta forma, a sociedade autogerida é a forma de associação de seres humanos que corresponde à natureza humana, uma sociedade verdadeiramente humanizada” (*Cadernos de Formação do Movaut*). O MOVAUT é um coletivo que luta contra partidos e sindicatos, que usam os trabalhadores como massa de manobra visando seus interesses próprios e privilégios. A abolição da exploração e dominação na nossa sociedade só pode ser efetivada pelos próprios trabalhadores através de sua união sob forma não burocrática. Por isso, também somos contra as eleições, pois o jogo político é uma farsa para iludir as classes trabalhadoras. Não existe nem pode existir governo dos trabalhadores, o Estado serve apenas para os patrões, capitalistas e seus interesses e por isso não é conquistando cargos, governo e poder que se transforma a sociedade e sim através da auto-organização dos trabalhadores em seus locais de trabalho, moradia, estudo, visando criar novas relações sociais e abolir o capitalismo. A união e a ação direta são fundamentais, a greve é um momento fundamental nesse processo.

Greve geral, já!

O que é salário mínimo?

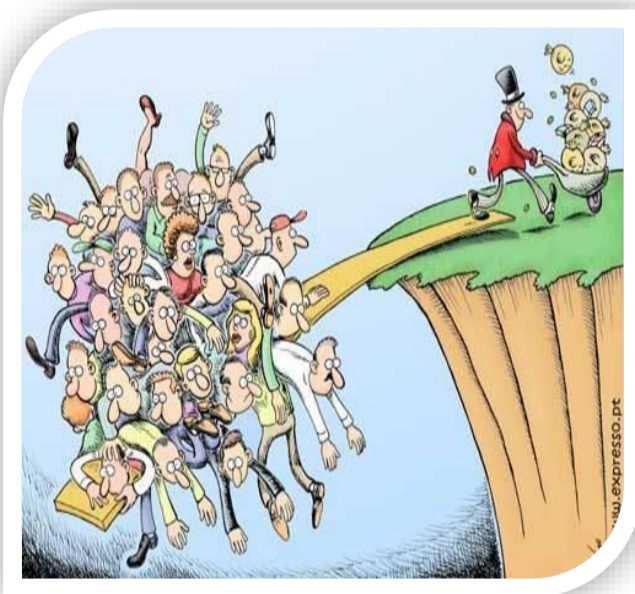
O que é salário mínimo? Como é calculado seu valor? Quais são os elementos a serem considerados para a determinação do salário mínimo? Antes de mais nada, algumas considerações gerais são necessárias para compreender a questão. Em primeiro lugar, o salário é uma forma de remunerar a força de trabalho que surge em determinado momento histórico, ou seja, com o advento da sociedade capitalista, mais ou menos a partir do século 18. Até este período, o salário era uma forma secundária de se pagar aqueles que executavam trabalho. Por exemplo, o camponês, o artesão não recebiam nenhum salário, viviam de sua própria produção a qual vendiam no mercado. No caso do Brasil, por exemplo, onde predominou o trabalho escravo até final do século 19, também o salário era algo secundário. Assim, um camponês, um artesão, um escravo não vivem de salário.

O mesmo não se dá com a classe trabalhadora no capitalismo. O salário se torna a forma predominante de remunerar o trabalhador. Quando isto acontece, algumas condições devem ser satisfeitas: a) o trabalhador deve ser “livre”, ou seja, não deve ser escravo de ninguém; b) o trabalhador deve ser expropriado dos meios de produção (fábricas, terras agricultáveis etc.); c) o trabalhador deve ser proprietário unicamente da sua capacidade de trabalhar a qual ele vende ao capitalista, seu patrão. Satisfeitas estas condições, cria-se então a possibilidade de se generalizar para o conjunto da sociedade esta forma de remunerar o trabalhador.

O salário é determinado levando-se em conta três processos básicos: a) a quantidade de bens de consumo necessários para que o trabalhador e sua família mantenham-se vivos, ou seja, gastos com alimentação, moradia, roupas, transporte, lazer, impostos etc., b) a

intervenção do Estado como instituição que regulamenta as relações de trabalho e c) a luta que os trabalhadores travam reivindicando maiores salários e melhores condições de trabalho.

Com relação ao primeiro ponto, este é determinado de acordo com o nível de desenvolvimento tecnológico, social, econômico de cada sociedade específica. A quantidade e qualidade de alimento que se ingere, o padrão de moradia, a qualidade do transporte etc. varia de país para país, de região para região. Para a determinação do salário, contudo, o que é fundamental é o padrão de subsistência ao qual a classe trabalhadora é submetida. Quanto mais inferior for o nível de vida,



menor será em contrapartida seu salário.

Essa relação social que condiciona determinado padrão de vida da classe trabalhadora é regulamentada pela instituição estatal. O Estado com seu aparato jurídico e político sanciona através da publicação de leis o nível mínimo de salário ao qual a classe trabalhadora de determinado país deve se submeter. Com base nesta determinação legal, a classe capitalista, os patrões, tem um padrão legal a partir do qual determinam o salário de seus empregados, sendo que a grande maioria paga somente o que o Estado determina como salário mínimo.

Estas duas condições, ou seja, o padrão de vida da classe trabalhadora em determinado país ou região e a atuação do Estado como instituição que regulamenta isto através da lei determina o nível mínimo de remuneração da classe trabalhadora, ou seja, o salário mínimo. O salário serve, portanto, unicamente para que o trabalhador continue vivo, tenha uma família e mantenha-se ativo como trabalhador. Com o salário, é impossível ao trabalhador juntar uma soma de dinheiro suficiente para, por exemplo, adquirir sua própria fábrica, comprar suas próprias máquinas etc. Ou seja, o salário não é para fazer do trabalhador um patrão. Pelo contrário, serve única e exclusivamente para manter o trabalhador como trabalhador.

Um terceiro aspecto deve, contudo, ser colocado na análise da formação do salário mínimo: a luta e resistência da classe trabalhadora. Este é o aspecto central, pois o padrão de vida, bem como a intervenção do Estado são diretamente determinados por este aspecto. Quando a classe trabalhadora em seu conjunto se organiza e luta, pressiona os patrões bem como o Estado a aumentar os salários. Ao fazer isto, seu padrão de vida tende a aumentar. Da mesma forma, se o conjunto da classe está desorganizado e desarticulado não se apresentando como classe independente, seus interesses ficam a reboque dos patrões e do Estado, isto tende a baixar o valor do salário mínimo. O salário mínimo é, portanto, uma disputa acirrada de interesses. A classe capitalista, representada pelo Estado força sempre os salários para baixo. A classe trabalhadora, devido seus interesses, força os salários para cima. Deste modo, os trabalhadores devem se organizar, criar suas próprias formas de organização e luta para contrapor assim seus interesses aos interesses da classe dominante.

MOVAVAUT
Movimento Autogestionário

Redução de impostos ou extinção do Estado e do capitalismo: o que interessa aos trabalhadores?



De modo geral, em qualquer época e lugar do mundo, as pessoas sempre detestaram pagar impostos. A resistência ao pagamento de tributos ao Estado já levou algumas populações a fazerem até revoltas armadas. No Brasil, por enquanto, ainda não se tem notícia de nenhuma revolução em andamento contra os impostos. Mas há uma bem articulada campanha organizada por empresários e por algumas categorias de “profissionais liberais” (economistas, advogados, administradores de empresas, jornalistas).

Um dos instrumentos mais conhecidos dessa campanha no Brasil é o “impostômetro”, instalado na frente do prédio da Associação Comercial de São Paulo, que fica na avenida Paulista, naquela capital. Segundo esse “medidor de impostos”, em 2014, a população brasileira pagou aproximadamente 1 trilhão e 956 bilhões de reais em tributos ao poder público. De acordo com os cálculos do “impostômetro”, a cada ano a arrecadação só aumenta.

Segundo os empresários, os impostos elevados diminuem a “competitividade” das empresas, porque torna as mercadorias mais caras, o que faz com que os consumidores comprem menos.

Além disso, a alta carga tributária desestimula os “investidores” a investirem seu capital em novos empreendimentos. Tudo isso tem como principal consequência, segundo eles, o baixo crescimento da economia, o que consideram ruim para toda a sociedade.

O interessante é que a campanha dos capitalistas e seus apoiadores oculta o fato de que os recursos transformados em impostos, assim como toda a riqueza do país, são produzidos pelos trabalhadores. Além de trabalharem para pagar o próprio salário, os trabalhadores têm de produzir para repor os investimentos dos patrões em máquinas, matérias primas, energia, instalações físicas, transportes, etc., para dar lucro e para **pagar impostos**. Isto significa que quem gera os recursos dos impostos são **os trabalhadores** e não os empresários, que apenas os repassam ao Estado.

Portanto, se alguém tem razões para se insurgir contra os impostos, esse alguém é a classe trabalhadora. Mas a luta contra os impostos deve ser uma luta contra o Estado e contra os capitalistas. Contra os capitalistas (empresários, banqueiros) porque vivem da exploração dos trabalhadores; contra o Estado (poderes executivo, legislativo e judiciário em

todas as instâncias), que é comandado pelos governos e burocratas e tem como finalidade garantir as condições para os capitalistas continuarem acumulando riquezas às custas dos trabalhadores.

O Estado cumpre essa finalidade de várias maneiras: criando leis para proteger o patrimônio e os privilégios dos ricos e para controlar os trabalhadores, como a “lei de greve”; reprimindo os trabalhadores, quando se revoltam por causa dos baixos salários, da carestia, das péssimas condições do transporte coletivo, etc.; repassando o dinheiro dos impostos aos banqueiros, na forma de pagamento de juros; pagando polpudos salários a juízes e altos burocratas responsáveis pela manutenção da ordem baseada na exploração e na dominação da classe trabalhadora.

Por tudo isso é que afirmamos que interessa aos trabalhadores, não a mera redução dos impostos, mas, sim, a extinção do Estado e do capitalismo.

Devemos ter clareza de que os capitalistas não querem acabar com o Estado, porque eles não podem sobreviver sem ele, por todos os motivos já apontados acima. Os empresários desejam reduzir a carga tributária para aumentar seus lucros. A prova disso é que, mesmo quando os governos diminuem os impostos sobre algum tipo de produto, os empresários nunca reduzem os seus preços na mesma proporção.

Sendo assim, antes de se posicionarem como consumidores, os trabalhadores devem se posicionar como **os verdadeiros produtores de toda a riqueza** e se unirem uns aos outros na luta contra os capitalistas e contra o Estado, por uma sociedade igualitária, sem classes sociais, sem Estado, enfim, livre de toda forma de exploração e dominação – uma **sociedade autogerida**.

MOVAVUT
Movimento Autogestionário

Liberdade não pode ser consumida

O operário não se reconhece na sua ação de trabalho
por que o seu fim não lhe pertence,
O produto é estranho ao seu produtor,
esse pertence ao capitalista e não ao trabalhador.

Esse modo de vida é recente,
Prende o ser e libera o ter,
mas não é a única possibilidade existente.

Apesar de afirmarem que é natural
O homem dominar outro homem,
para o explorado isso não têm nada de normal.

As rádios, jornais e TVs transfiguram informações,
Produzindo ideologias feitas pelos patrões.
Cria a ideologia da naturalização da exploração,

A nossa existência resume a isso,
A liberdade está no que possui.
Essa é a sociedade capitalista,
Viva o consumista,
Que supri suas vaidades,

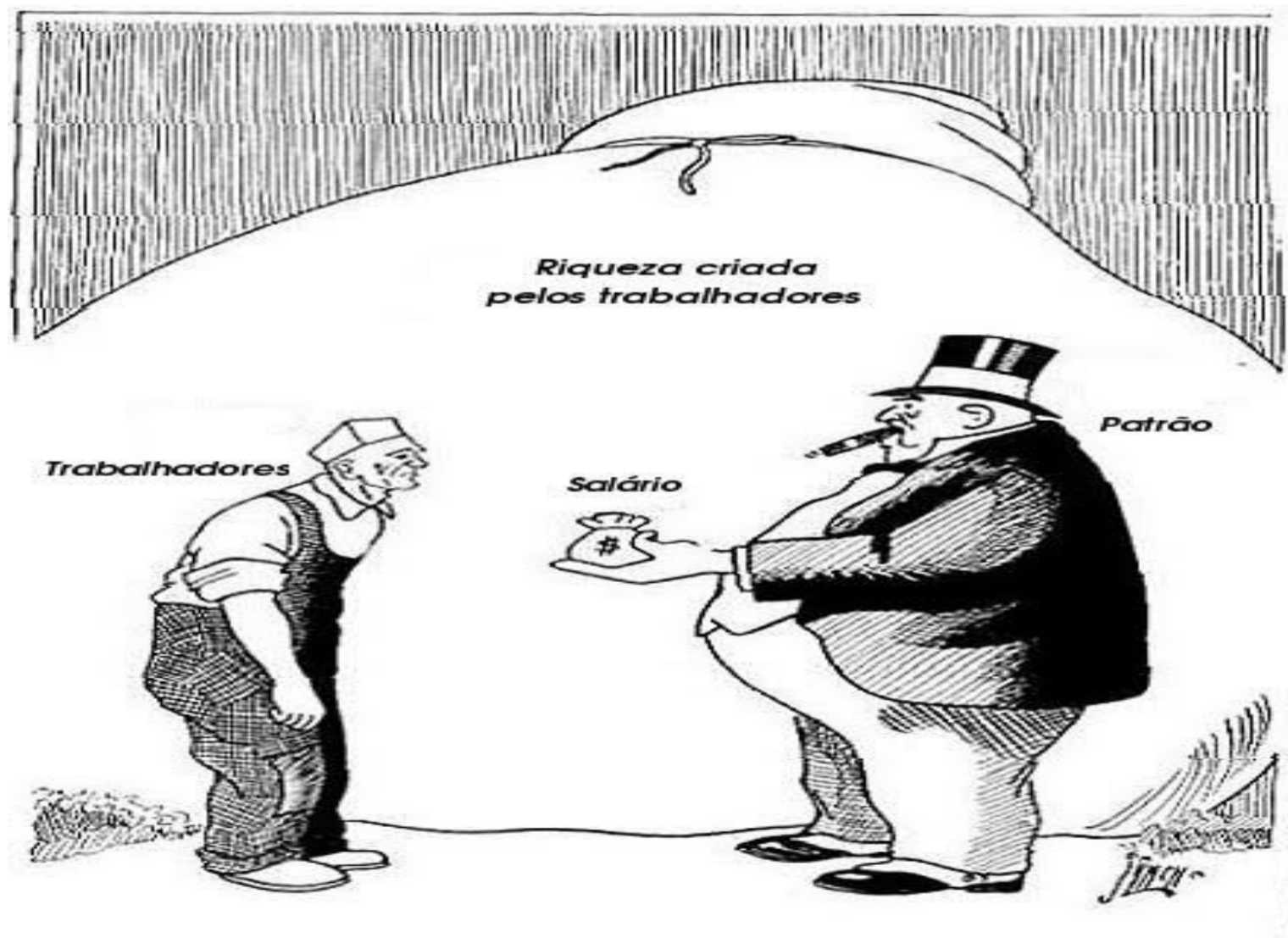
No lugar da liberdade.

Buscar as necessidades,
Não faz parte dessa sociedade,
A quantidade fala mais do que a qualidade.

Por isso escrevo,
Com desprezo
do que vejo.
Não ser um fingidor,
da minha dor.

O único modo de mudar,
É lutar,
Com todos os trabalhadores participar,
a luta radicalizar
E a transformação realizar.

A autogestão produzir,
E a vida voltar a surgir.
Somente é permitido sua auto reprodução na luta contra o patrão.



EXPEDIENTE:

O Jornal Perspectiva Autogestionária é uma publicação semestral do Movaut - Movimento Autogestionário - cujo objetivo é expor a perspectiva desse coletivo que busca apoiar as lutas e auto-organização dos trabalhadores com o objetivo de contribuir com a instauração da autogestão social. Este jornal é autofinanciado pelos integrantes do Movaut, trabalhadores, estudantes, etc., que procuram contribuir de várias formas com a autoemancipação proletária, sendo a presente publicação uma dessas contribuições. Sugestões, críticas e contatos

✉: jornalmovaut@yahoo.com.br